



O PAPEL DO PROFESSOR NA MORALIZAÇÃO DOS ESTUDANTES, NO COMPLEXO ESCOLAR 338 CDª TCHIFUCHI

THE ROLE OF THE TEACHER IN STUDENTS' MORAL EDUCATION: A CASE STUDY AT COMPLEXO ESCOLAR 338 CDª TCHIFUCHI

¹ Ruben Vieira Zangata

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivos ressaltar o papel do Professor na moralização dos estudantes. A sociedade hoje, enfrenta vários desafios tais como o relacionamento familiar o consumo de drogas a delinquências juvenil, as influências das mídias, a fraca capacidade de assimilação a falta da motivação, a falta do acompanhamento tanto das famílias como dos responsáveis no processo de instrução, estes e outros aspectos são muitas das vezes vivenciadas por parte dos professores por ser as pessoas que lida no dia-dia com esta franja camada. Segundo Libâneo (2013), "o professor é mediador, não apenas do conhecimento, mas também das relações sociais e dos valores morais presentes no processo educativo". Nessa perspectiva, a escola torna-se um espaço privilegiado para o desenvolvimento moral, onde o professor atua como exemplo e guia. Para Piaget (1994), o desenvolvimento moral está diretamente ligado à interação social e ao ambiente educacional. Daí que O papel do professor na moralização dos estudantes é de extrema importância por ser o promotor do processo de ensino aprendizagem, pois ele atua como mediador, instrutor e orientador no desenvolvimento da ética e da moral dentro da sociedade, de modo a promover nele um cesso de responsabilidade. O propósito que nos motivou para o desenvolvimento desta temática é por entendermos que a perversidade e o desvio comportamental de muitos estudantes em vários aspectos já mencionados, necessita da intervenção urgente dos professores como construtor e moralizador do processo de ensino aprendizagem.

Palavra-chave: Papel, Professor, Moralização, estudante.

ABSTRACT

This paper aims to highlight the teacher's role in the moral development of students. Today's society faces numerous challenges, such as family relationship issues, drug use, juvenile delinquency, media influence, low learning capacity, lack of motivation, and insufficient involvement from families and guardians in the educational process. These and other concerns are often experienced firsthand by teachers, as they engage daily with students. According to Libâneo (2013), "the teacher is a mediator not only of knowledge, but also of social relationships and moral values present in the educational process." From this perspective, the school becomes a privileged space for moral development, where the teacher acts as both a role model and a guide. For Piaget (1994), moral development is directly linked to social interaction and the educational environment. Thus, the teacher's role in student moralization is crucial, as they serve as facilitators, instructors, and guides in shaping ethical and moral behavior in society, fostering a sense of responsibility in students. The motivation behind addressing this topic stems from the understanding that the perverse and deviant behavior of many students in the areas mentioned urgently requires the intervention of teachers as builders and moral agents in the teaching-learning process.

Keywords: Role, Teacher, Moralization, Student.

INTRODUÇÃO

A educação no contexto atual, enfrenta desafios significativos diante das transformações sociais, culturais e tecnológicas que impactam o comportamento

e os valores dos estudantes. Nesse contexto, o papel do professor ultrapassa a mera transmissão de conteúdos acadêmicos, assumindo também uma função formativa no desenvolvimento ético e moral dos discentes.

“A moralização dos estudantes, entendida como a construção de princípios, atitudes e comportamentos pautados em valores socialmente reconhecidos, depende fortemente da mediação consciente e intencional do educador no ambiente escolar”(Silva & Rocha, 2021).

O professor atua como modelo de conduta, sendo uma figura de referência para os estudantes, especialmente em contextos nos quais há fragilidade dos laços familiares ou ausência de orientação ética consistente. “A escola, como instituição socializadora, deve colaborar com a formação moral dos alunos, promovendo práticas pedagógicas que estimulem o respeito, a empatia, a responsabilidade e a convivência democrática” (Freitas, 2020). Assim, o educador precisa estar preparado para lidar com questões morais no cotidiano da sala de aula, adotando uma postura reflexiva, coerente e sensível às demandas do seu público.

Além disso, a moralização dos estudantes exige uma atuação pedagógica intencional, que vá além de discursos abstratos sobre valores. Envolve a criação de espaços de diálogo, tomada de decisão e resolução de conflitos, permitindo que os estudantes desenvolvam a capacidade de julgar, agir e conviver de forma ética. “Estudos recentes apontam que quando os professores assumem seu papel formador com clareza e compromisso, há melhorias significativas no comportamento dos alunos, no clima escolar e no desempenho acadêmico” (Moura & Andrade, 2022).

A formação inicial e continuada dos professores também tem papel central nesse processo. É preciso que os cursos de licenciatura e os programas de capacitação incluam conteúdos que abordem a ética profissional, a educação moral e os fundamentos da convivência social. “Tais iniciativas contribuem para que os educadores compreendam a complexidade das relações humanas na escola e saibam como intervir de maneira educativa e transformadora”(Lima & Cardoso, 2019). O professor é exemplos vivos na instrução de ética, por ter a capacidade, o domínio, acima de tudo a responsabilidade de transformar o homem.

Diante desse panorama, este trabalho tem como objetivo geral analisar o papel do professor na moralização dos estudantes, destacando as práticas, desafios e contribuições do educador no

desenvolvimento de valores éticos no contexto escolar.

A relevância deste estudo está em contribuir para a valorização da dimensão ética da prática docente e oferecer subsídios teóricos e práticos para a atuação responsável e comprometida dos professores na formação moral dos estudantes. Ao aprofundar a compreensão sobre esse papel formativo, pretende-se fortalecer a função social da escola como espaço de aprendizagem e de humanização.

A formação moral dos alunos não ocorre de forma espontânea; ela exige intencionalidade, coerência e exemplo. O professor, ao atuar com responsabilidade, empatia, justiça e respeito, contribui para a construção de um ambiente escolar mais ético, promovendo a interiorização de valores como a solidariedade, a honestidade, a tolerância e o respeito mútuo. Tal influência se faz ainda mais significativa quando se considera que muitos estudantes têm no professor uma referência de comportamento, sobretudo quando enfrentam contextos familiares fragilizados ou carentes de apoio moral.

Ademais, a moralização no ambiente escolar está diretamente relacionada ao desenvolvimento de competências socioemocionais, essenciais para a convivência democrática e para o exercício da cidadania. Ao promover reflexões sobre dilemas éticos, incentivar o diálogo e valorizar a diversidade, o professor contribui não apenas para o desempenho escolar, mas para a formação de indivíduos críticos e conscientes de seu papel social.

Portanto, investigar e refletir sobre o papel do professor na moralização dos estudantes é fundamental para repensar práticas pedagógicas, fortalecer a função social da escola e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e humanizada.

METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa de natureza descritiva, cuja finalidade é compreender os significados atribuídos pelos professores ao seu papel na moralização dos estudantes. Conforme Minayo (2021, p. 30), a pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, pois se ocupa de questões, processos e significados, sendo, portanto, adequada à compreensão dos fenômenos subjetivos e sociais, como é o caso da moralização no ambiente escolar.

Trata-se de um estudo de caráter exploratório-descritivo, pois visa investigar um fenômeno pouco abordado em sua

complexidade prática, além de descrever as percepções e experiências dos docentes no cotidiano escolar. De acordo com Gil (2019, p. 44), a pesquisa exploratória busca proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo mais explícito, enquanto a descritiva procura descrever com precisão as características de determinado fenômeno.

A pesquisa foi conduzida por meio de entrevistas semiestruturadas com professores do Ensino Fundamental II de duas escolas públicas urbanas. "O delineamento qualitativo possibilita uma interação entre pesquisador e participantes, promovendo uma escuta ativa, reflexiva e ética" Triviños (2020, p. 152).

As entrevistas foram elaboradas com base em um roteiro previamente validado por especialistas na área de Educação e Ética, contendo questões abertas relacionadas ao papel do professor na formação moral dos estudantes, as estratégias utilizadas, os desafios enfrentados e as percepções sobre a influência do ambiente escolar na construção de valores.

Crítérios de Seleção e Amostragem

Os participantes foram selecionados por amostragem intencional, também chamada de amostragem por julgamento, conforme critérios previamente estabelecidos: atuação docente mínima de cinco anos, experiência em turmas do complexo escolar nº 338 Cdª Tchifuchi com disponibilidade para participar das entrevistas. "A amostragem intencional é apropriada para pesquisas qualitativas, pois permite a escolha de sujeitos que detêm conhecimento relevante sobre o objeto de estudo" Flick (2018, p. 91). Para este trabalho foram entrevistados (8) dezoito professores, 15 estudantes de diversas classes e turmas diferentes, garantindo a diversidade de opiniões e experiências. O número de participantes foi delimitado com base na saturação teórica, conforme defendido por Bardin (2019, p. 123), ou seja, o ponto em que os dados coletados se tornam repetitivos e não acrescentam novas informações ao estudo.

Técnicas de Coleta e Análise de Dados

A coleta de dados ocorreu no primeiro trimestre de 2024, mediante autorização da direção da escola especialmente a área pedagógica, as entrevistas, com duração média de 20 minutos, foram gravadas com autorização dos participantes e posteriormente transcritas na íntegra. Para a análise dos dados, utilizou-se a técnica de Análise de Conteúdo, conforme proposta por

Bardin (2019, p. 127), que envolve três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Essa técnica permite a categorização dos discursos, identificando temas recorrentes e significativos que emergem da fala dos professores.

Rigor Metodológico e Validação

A validade da pesquisa foi assegurada por meio da triangulação de dados, a qual envolveu a confrontação das falas dos entrevistados com os registros do diário de campo e os documentos institucionais. "A triangulação favorece a credibilidade e a consistência dos achados, uma vez que diferentes fontes e métodos são cruzados para corroborar as interpretações" Denzin & Lincoln (2018, p. 237),

"Além disso, a devolutiva dos resultados parciais aos participantes foi realizada para validação do conteúdo interpretado, promovendo a transparência do processo e o reconhecimento do protagonismo dos sujeitos envolvidos na pesquisa" Guba & Lincoln (2020, p. 145).

A presente pesquisa qualitativa teve como objetivo compreender o papel dos professores na moralização dos estudantes no contexto escolar. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com os docentes e estudantes do ensino médio do complexo Escolar Camara Tchifuchi, atuantes em diversas classes. A análise dos dados foi realizada com base na técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), permitindo a identificação de categorias temáticas que expressam as experiências, desafios e estratégias dos professores no exercício de sua função moralizadora.

DESENVOLVIMENTO

Conceito da moral

A articulação entre educação e moralidade tem sido objeto de intensos debates no campo das ciências humanas e sociais, especialmente no que diz respeito à responsabilidade da escola na formação ética dos indivíduos. A educação, entendida como processo amplo de desenvolvimento humano, ultrapassa a simples transmissão de conteúdos curriculares, sendo também um espaço privilegiado para a formação de valores, atitudes e comportamentos éticos que orientam a convivência social. "A escola ocupa um lugar estratégico na constituição da moralidade, ao proporcionar aos sujeitos experiências de convivência, negociação e resolução de conflitos" Oliveira (2020, p. 58). Nesse sentido, o ambiente escolar torna-se

um espaço de aprendizagem moral, onde as relações interpessoais, o exercício da empatia e a internalização de normas sociais são constantemente vivenciados.

A formação moral não ocorre de maneira espontânea; ela requer intencionalidade pedagógica. “A moralidade deve ser compreendida como uma construção social mediada por práticas educativas que valorizem o respeito, a justiça e a solidariedade” Vieira & Santos (2021, p. 42). Isso implica dizer que o educador assume papel central nesse processo, sendo o responsável por mediar situações que estimulem a reflexão ética e promovam o desenvolvimento de juízos morais entre os alunos.

No entanto, o desafio reside em como essa moralidade deve ser ensinada. Em uma perspectiva construtivista, inspirada em Piaget e atualizada por autores contemporâneos, entende-se que a formação moral ocorre em um processo dialógico, no qual o aluno constrói valores a partir da vivência e da interação social. “a aprendizagem moral se fortalece quando o aluno participa ativamente de decisões coletivas e reflete sobre suas consequências”. Ferreira (2022, p. 77).

Desse modo, a moralidade, longe de ser uma imposição normativa, deve ser construída de forma crítica e autônoma. Para isso, é necessário que os currículos escolares integrem práticas e conteúdo que favoreçam o debate ético, o exercício da empatia e a valorização da diversidade. “A moralidade no contexto escolar se fortalece quando os estudantes são convidados a compreender diferentes pontos de vista e a agir com responsabilidade perante o coletivo” Lima (2023, p. 91). Portanto, a articulação entre educação e moralidade constitui um elemento essencial para a formação cidadã e para o fortalecimento de uma sociedade mais justa e solidária. Investir em práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento moral dos estudantes é, acima de tudo, um compromisso ético da escola com a transformação social.

Por fim, é imprescindível reconhecer que a educação moral não se restringe à atuação do professor de filosofia ou de ensino religioso. Ela deve permear todas as áreas do conhecimento, uma vez que a formação de sujeitos éticos e comprometidos com o bem comum é uma tarefa coletiva. O educador, nesse processo, não deve apenas ensinar valores, mas vivenciá-los cotidianamente, sendo exemplo concreto de condutas éticas.

O Papel do Professor como Mediador da Moral

A educação, ao longo da história, tem desempenhado um papel fundamental na constituição moral do ser humano, sendo um dos principais instrumentos para o desenvolvimento de valores, atitudes e comportamentos que sustentam a vida em sociedade. O papel do professor vai além da transmissão de conhecimentos técnicos e científicos. É importante refere-se ao papel dos professores como agentes morais na sala de aula. Sua postura, suas atitudes e sua maneira de lidar com os conflitos são exemplos que influenciam profundamente os alunos. A prática docente deve estar pautada em princípios éticos e em um compromisso com a formação integral dos estudantes. “O professor é um modelo de conduta para seus alunos, e suas ações são tão pedagógicas quanto seus discursos” Martins (2020, p. 59). Em um contexto educacional mais amplo, o professor atua como um importante mediador moral, contribuindo para a formação ética e cidadã dos estudantes. Esse papel torna-se ainda mais significativo diante de uma sociedade marcada por desigualdades, conflitos de valores e desafios éticos cotidianos. Nesse sentido, a escola deve ser vista como um espaço privilegiado de formação humana, e o professor como um agente fundamental nesse processo. O “ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando” Freire (1996, p. 67). Para ele, a educação deve ser um ato dialógico, no qual educadores e educandos se reconheçam como sujeitos históricos em permanente construção. Nesse processo, o professor precisa assumir uma postura ética, comprometida com a justiça social e com a formação de consciências críticas. “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, embora com responsabilidades distintas, não se reduzem à condição de objeto um do outro” Freire (1996, p. 25).

Segundo Kohlberg (1992), o desenvolvimento moral ocorre em estágios, sendo influenciado pela interação social e pelas experiências vividas. A escola, como ambiente de socialização secundária, proporciona oportunidades importantes para que os estudantes desenvolvam a empatia, o senso de justiça e a responsabilidade coletiva. O professor, ao mediar conflitos, promover o diálogo e estimular a reflexão crítica, contribui diretamente para o amadurecimento moral dos alunos. “O desenvolvimento moral não acontece por

imposição, mas pelo estímulo ao raciocínio e à tomada de perspectiva” Kohlberg (1992, p. 123).

A mediação é um elemento central no processo de aprendizagem e de internalização de valores. O autor destaca que “o comportamento moral, como qualquer outra função psicológica superior, desenvolve-se inicialmente no plano social, para depois ser internalizado pelo indivíduo” (Vygotsky, 2007, p. 46). Dessa forma, a atuação do professor como mediador moral se concretiza nas interações cotidianas, nos exemplos que oferece e nas situações de ensino-aprendizagem que propicia. Ao favorecer o trabalho cooperativo, a escuta ativa e o respeito às diferenças, o professor estimula a formação de sujeitos autônomos e críticos.

Além disso, a mediação moral envolve uma atuação intencional e planejada por parte do professor. Isso significa propor debates éticos, estimular o pensamento crítico, resolver conflitos com base em princípios de justiça e solidariedade e trabalhar valores como o respeito, a responsabilidade, a honestidade e a empatia de forma transversal ao currículo. “A educação moral exige exemplos concretos e coerência entre o que se diz e o que se faz. O professor é permanentemente observado pelos alunos e, por isso, tem uma grande responsabilidade formadora”. (Tiba 2012, p. 88).

“A educação não apenas transmite conhecimentos, mas também forma consciências morais, moldando o caráter e os valores dos indivíduos desde a infância” Silva (2020, p. 47). Este processo se dá tanto de forma explícita, por meio dos conteúdos e discursos escolares, quanto de maneira implícita, através das práticas pedagógicas, da convivência e da cultura escolar.

A moralidade é entendida como um conjunto de princípios que orientam o comportamento humano em relação ao que é considerado certo ou errado, justo ou injusto, dentro de um determinado contexto social. “A formação moral não ocorre isoladamente, mas em constante interação com os outros e com as instituições educativas, que têm o dever de fomentar o respeito, a solidariedade e a responsabilidade” Oliveira (2020, p. 88). Dessa forma, a escola se configura como um espaço privilegiado de mediação entre o indivíduo e os valores coletivos.

Além disso, a moral não deve ser confundida com moralismo, isto é, com imposições autoritárias de condutas. A educação moral precisa promover a autonomia do sujeito, incentivando o pensamento crítico e a

capacidade de discernimento ético. “A função moralizadora da educação só é legítima quando promove a liberdade e a reflexão, e não a obediência cega a normas impostas”. (Costa, 2020, p. 102).

A formação moral promovida pela educação também deve considerar a diversidade cultural e as múltiplas formas de viver e pensar. Uma abordagem moral inclusiva e plural é essencial para preparar os estudantes para a convivência democrática e o respeito às diferenças. “A educação moral que ignora as pluralidades corre o risco de reforçar exclusões e preconceitos, ao invés de formar cidadãos críticos e conscientes”. (Almeida, 2020, p. 74).

Em síntese, a articulação entre educação e moralidade é indispensável para o desenvolvimento humano e para a construção de uma sociedade mais justa. A escola, enquanto espaço de socialização e aprendizagem, tem o papel de cultivar valores morais universais, como o respeito, a justiça e a solidariedade, ao mesmo tempo em que promove o pensamento crítico e a autonomia ética dos indivíduos.

A relação entre educação e moralidade é uma das mais discutidas e relevantes no campo da filosofia da educação e das ciências humanas. A educação, além de transmitir conhecimentos e habilidades cognitivas, desempenha um papel crucial na formação do caráter e na internalização de valores éticos e morais que regem a convivência em sociedade. Nesse sentido, a moralidade, entendida como um conjunto de normas e princípios que orientam o comportamento humano em função do bem comum, deve ser parte intrínseca do processo educativo.

Segundo Kant (1999) “...a educação é o desenvolvimento, no homem, de toda a perfeição de que sua natureza é capaz”. (p. 23). Essa perfeição não se limita ao aspecto intelectual, mas abrange também a dimensão moral. Para o filósofo, o homem não nasce moral, mas deve ser educado para agir moralmente, desenvolvendo a autonomia da vontade e o senso de dever. Portanto, a função da educação moral é formar sujeitos capazes de tomar decisões éticas, com base na razão e no respeito ao outro.

Durkheim um dos principais teóricos da sociologia da educação, defende que “a moralidade consiste em ser solidário com o grupo e subordinado à sociedade” (Durkheim, 1995, p. 33). Para ele, a educação moral deve conduzir o indivíduo à interiorização das regras sociais e ao reconhecimento da autoridade, sem,

contudo, suprimir sua liberdade. A escola, nesse contexto, é a instituição responsável por socializar as novas gerações, transmitindo valores fundamentais como a justiça, o respeito, a honestidade e a responsabilidade.

Contudo, educar para a moralidade exige mais do que a simples transmissão de normas. É necessário que o educador atue como modelo ético, construindo com seus alunos um espaço de diálogo, reflexão e prática dos valores. "Ensinar exige ética e estética. Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, exige diálogo, exige disponibilidade para escutar". (Freire, 1996, p. 108). Nessa perspectiva, o processo educativo se transforma em uma prática libertadora, em que a moralidade não é imposta, mas construída de forma crítica e consciente.

Em síntese, o papel do professor como mediador moral é fundamental para a formação de sujeitos éticos, capazes de conviver de maneira respeitosa e democrática em sociedade. Essa função exige sensibilidade, coerência, intencionalidade pedagógica e, sobretudo, um compromisso com a formação integral do ser humano. Ao mediar questões morais no ambiente escolar, o professor contribui para a construção de uma sociedade mais justa, empática e solidária.

A moral na formação do sujeito

A escola, não deve se limitar a preparar para o mercado de trabalho, mas também formar cidadãos conscientes, capazes de contribuir para uma sociedade mais justa e humana. Nesse sentido, é fundamental que as políticas educacionais valorizem a formação moral, oferecendo aos professores condições adequadas de trabalho e formação contínua para que possam exercer essa função com competência.

A formação moral é um dos pilares fundamentais no desenvolvimento humano, sendo influenciada por fatores sociais, educacionais e culturais. Em um mundo marcado por transformações rápidas e constantes, refletir sobre a moral na constituição do sujeito é essencial para compreender o papel da educação na promoção de valores éticos.

"O desenvolvimento do caráter exige uma educação que combine tanto o conhecimento moral quanto a ação moral". (Lickona, 2018, p. 27). Isso significa que o educador não apenas ensina o que é certo, mas propicia contextos nos quais o aluno possa agir moralmente. Nesse sentido, a escola torna-se

um espaço privilegiado para o desenvolvimento de competências éticas, através da convivência, da resolução de conflitos e do exercício da empatia.

Pesquisas recentes destacam a importância da formação docente voltada para a ética e a moral, especialmente em tempos de crise de valores. Estudo de Rocha & Silva (2021) aponta que práticas pedagógicas baseadas em diálogo, respeito mútuo e justiça contribuem significativamente para a formação de sujeitos mais conscientes e críticos. A educação deve proporcionar "a capacidade de pensar e agir com responsabilidade num mundo cada vez mais interdependente". Além disso, segundo Morin (2019), o que envolve não apenas a dimensão cognitiva, mas também a moral e afetiva do ser humano.

No processo formativo, a moral atua como guia para decisões e comportamentos. "O desenvolvimento moral ocorre em estágios e é influenciado pelo ambiente social. A escola, ao proporcionar situações de cooperação, justiça e solidariedade, desempenha papel ativo na construção do juízo moral dos estudantes". Kohlberg citado por (Aquino & Oliveira, 2022).

Portanto, a moral na formação do sujeito não pode ser dissociada das práticas educativas. A educação moral deve ser intencional, contínua e integrada ao currículo, favorecendo a formação de sujeitos éticos, autônomos e comprometidos com o bem comum.

Além disso, a moralidade na educação não pode ser compreendida de maneira universal e estática. Ela deve considerar o contexto histórico, cultural e social em que os sujeitos estão inseridos.

Em suma, a moralidade é um dos pilares da educação, e sua presença no currículo escolar é indispensável para a construção de uma sociedade ética, democrática e solidária. A atuação do professor como agente formador de valores e condutas deve ser reconhecida e fortalecida, pois é por meio da educação que se constrói o caminho para uma convivência mais harmoniosa e justa.

A função social do professor

A função social do professor ultrapassa os limites da sala de aula, envolvendo-se profundamente na formação ética, crítica e cidadã dos estudantes. No contexto vigente, marcado por rápidas transformações sociais, culturais e tecnológicas, o papel do professor torna-se ainda mais relevante. Ele é mediador do conhecimento, agente de mudança e promotor de valores que

sustentam a convivência democrática e o respeito às diferenças.

A atuação profissional exige compromisso ético, político e pedagógico, considerando as múltiplas dimensões do processo educativo.

Por sua parte, Libâneo (2018), “O professor cumpre um papel social imprescindível ao contribuir para a democratização do conhecimento, promovendo o acesso equitativo à educação” (p. 45). Nesse sentido, o docente atua como mediador entre os saberes escolares e as vivências dos alunos, tornando-se um elo entre a escola e a sociedade. Tal função requer uma postura ativa diante das desigualdades sociais e educacionais, sendo o professor um sujeito comprometido com a inclusão e a equidade.

A função social do professor também se expressa na sua capacidade de dialogar com a realidade do educando. “O educador socialmente comprometido é aquele que reconhece a escola como espaço de disputa de narrativas e de construção de sentidos” Freitas (2020, p. 88). Isso significa que o trabalho docente vai além da reprodução de conteúdos, implicando em ações pedagógicas que estimulem o pensamento crítico, a autonomia e a cidadania ativa.

O professor é, portanto, formador de sujeitos. Ao abordar questões sociais, culturais e ambientais, ele contribui para o desenvolvimento da consciência crítica dos alunos, preparando-os para atuar de forma responsável na sociedade. “A escola deve se constituir como um espaço formador de sujeitos históricos, e o professor tem papel determinante nesse processo”. (Silva & Andrade, 2021, p. 102).

Além disso, é necessário considerar a importância da formação continuada para que o docente exerça sua função social de forma eficaz. “A profissionalização docente passa pela constante atualização teórica e metodológica, a fim de responder às demandas de uma sociedade em transformação”. (Costa & Ramos, 2022, p. 59). Essa atualização favorece uma prática pedagógica crítica, reflexiva e contextualizada.

Outro aspecto relevante é o papel do professor como articulador de saberes e promotor de justiça social. “A função social do professor implica a construção de uma pedagogia que acolha a diversidade e combata toda forma de exclusão”. (Santos & Oliveira, 2023, p. 71). Essa perspectiva amplia o entendimento sobre o ensino como prática política e ética.

Dessa forma, a função social do professor deve ser reconhecida e valorizada, tanto pelas instituições educacionais quanto pelas políticas públicas. O docente é peça-chave para o fortalecimento da democracia e da justiça social, sendo sua atuação fundamental para a transformação da realidade educacional e social.

Reafirmação da importância do professor na moralização

Atualmente as instituições educacionais enfrenta desafios éticos e sociais que exigem uma atuação mais incisiva dos professores na formação moral dos estudantes. A moralização, entendida como o processo pelo qual o indivíduo internaliza valores, normas e comportamentos socialmente aceitos, encontra no professor um agente indispensável para sua efetivação. Assim, reafirmar a importância do professor na moralização dos alunos é não apenas reconhecer sua função educativa, mas também destacar seu papel enquanto modelo ético e referência de conduta.

“O professor atua como mediador entre os valores sociais e a vivência cotidiana dos alunos, possibilitando a reflexão crítica sobre comportamentos e atitudes”. (Pereira, 2020, p. 48). Essa mediação vai além da transmissão de conteúdos curriculares, pois abrange a convivência diária e o exemplo pessoal, fatores fundamentais no desenvolvimento moral dos estudantes. A formação moral não se dá de forma isolada ou automática; ela exige intencionalidade pedagógica e compromisso ético.

Autores como Lima & Costa (2021) enfatizam que a moralização escolar passa por práticas pedagógicas que promovam o respeito, a solidariedade e a justiça. Os autores apontam que “a conduta do professor, quando coerente com os princípios que ensina, tem forte impacto na construção da identidade moral dos discentes” Lima & Costa (2021, p. 76). Nesse sentido, a postura do professor diante de situações de conflito, sua forma de lidar com a diversidade e sua capacidade de escuta ativa são elementos que contribuem para um ambiente moralmente formativo.

A relevância do professor como figura de autoridade moral também é ressaltada por Martins (2019), “o docente é muitas vezes o primeiro adulto fora do círculo familiar com quem o aluno estabelece relações baseadas em respeito e admiração” (Martins, 2019, p. 32). Essa posição confere ao professor uma responsabilidade ética significativa, já que suas atitudes podem tanto reforçar quanto desestruturar valores em formação.

Contudo, para que o professor desempenhe plenamente seu papel na moralização, é necessário que receba formação adequada e contínua, voltada não apenas para competências técnicas, mas também para competências éticas e emocionais. “A formação ética do professor deve ser entendida como parte integrante da formação docente, e não como um complemento” (Andrade & Silva, 2023, p. 91). Isso implica em políticas educacionais que valorizem o professor como sujeito ético e promotor de valores humanísticos.

Diante disso, reafirmar a importância do professor na moralização é também reconhecer que sua atuação vai além da sala de aula: ela influencia toda a dinâmica da escola e, por consequência, o desenvolvimento ético da sociedade. “Quando o professor compreende a dimensão moral de sua prática, ele passa a atuar com mais consciência e responsabilidade no processo educativo”. (Oliveira, 2018, p. 65).

Em síntese, a função moralizadora do professor deve ser valorizada tanto no discurso quanto nas práticas institucionais. Sua presença ética, sua coerência de atitudes e sua formação contínua são elementos essenciais para a construção de uma escola que não apenas ensina conteúdos, mas que forma cidadãos éticos, críticos e solidários.

Desafios da prática docente frente a contextos de crise de valores.

A sociedade actual enfrenta uma crise de valores que atravessa múltiplos setores da vida social, atingindo com particular intensidade a educação. Os contextos escolares, enquanto microcosmos sociais, refletem essas transformações e colocam aos professores o desafio de lidar com um ambiente cada vez mais plural, fragmentado e permeado por tensões éticas e morais. Neste cenário, a prática docente precisa ser repensada não apenas como transmissão de conteúdos, mas como mediação crítica diante da formação de valores.

“O professor se vê no centro de uma encruzilhada entre a formação acadêmica e a formação ética dos estudantes, exigindo um agir pedagógico reflexivo e coerente”. (Silva, 2020, p. 45), Essa exigência se intensifica diante da perda de referências morais compartilhadas, característica das sociedades pós-modernas, onde os valores tradicionais entram em declínio e surgem novos referenciais, muitas vezes conflitantes. A prática docente é tensionada por fatores como a banalização da violência, o individualismo exacerbado e a fragilização

dos laços comunitários. “A escola se transforma em campo de disputas simbólicas, exigindo do professor habilidades que vão além da técnica: exige sensibilidade ética, empatia e capacidade de diálogo”. (Rocha e Almeida, 2019, p. 63). Nesse sentido, o papel do docente ultrapassa a mera função instrucional e se configura como agente formador de cidadania e valores democráticos.

Outro aspecto relevante é a dificuldade de estabelecer limites e normas de convivência em salas de aula marcadas pela diversidade cultural, social e comportamental. “A ausência de consensos sobre o que deve ser valorizado dificulta o trabalho docente, que passa a ser continuamente questionado em sua autoridade” Pereira (2021, p. 78). Esse enfraquecimento simbólico da figura do professor impacta diretamente na eficácia da ação pedagógica.

Contudo, apesar dos desafios, muitos educadores encontram formas criativas e éticas de enfrentamento. A valorização do diálogo, a escuta ativa e a construção coletiva de regras são estratégias eficazes apontadas por estudos recentes. “Quando o professor atua como mediador de valores e não como mero transmissor, abre-se espaço para a formação crítica e autônoma dos estudantes”. (Lima e Santos, 2023, p. 102).

Em síntese, a crise de valores exige uma resinificação da prática docente. É necessário que os professores sejam apoiados por políticas públicas, formação continuada e por uma cultura escolar que valorize a ética, o respeito e a convivência democrática. A educação, nesse contexto, se revela como um dos principais instrumentos para a reconstrução do tecido moral da sociedade.

A Escola como Espaço de Moralização, Clima Escolar e Convivência

A escola desempenha um papel fundamental na formação integral do ser humano, indo além da transmissão de conteúdos curriculares, ao incorporar a missão de formar cidadãos éticos e conscientes. A moralização, enquanto processo de internalização de valores sociais, encontra no ambiente escolar um espaço privilegiado para seu desenvolvimento. Como destaca “A moralização dos alunos se constrói a partir da interação entre os valores transmitidos pela escola e as experiências vivenciadas no ambiente escolar”. (Oliveira, 2021, p. 88).

Nesse sentido, o clima escolar torna-se um elemento estruturante para o êxito desse processo. Um ambiente seguro, acolhedor e baseado em respeito mútuo favorece o

desenvolvimento de competências socioemocionais e morais. “O clima escolar influencia diretamente a qualidade das relações interpessoais e o sentimento de pertencimento dos estudantes”. (Costa e Almeida, 2019, p. 47), sendo, portanto, um mediador entre os princípios institucionais e a vivência cotidiana dos alunos.

A convivência escolar é outro aspecto que deve ser considerado como parte essencial da formação moral. Ao conviverem com a diversidade de pensamentos, culturas e comportamentos, os alunos aprendem a respeitar limites, lidar com conflitos e construir consensos. “a convivência democrática é aprendida quando a escola oferece oportunidades para o diálogo, a escuta ativa e a gestão colaborativa dos conflitos”. (Lima e Rocha, 2020, p. 102). Dessa forma, o espaço escolar transforma-se em um laboratório social, onde se exercitam valores como justiça, solidariedade e empatia.

Cabe também ao professor um papel essencial nesse contexto. Sua postura, linguagem e decisões didático-pedagógicas devem estar alinhadas com os princípios da formação ética.

Marques e Silva (2022), afirmam que, “O professor atua como referência de conduta e justiça dentro da sala de aula, sendo observado atentamente por seus alunos”. (p. 65). A coerência entre discurso e prática pedagógica é crucial para consolidar a moralização como parte do cotidiano escolar. Não menos importante é a necessidade de políticas institucionais que sustentem práticas inclusivas, dialógicas e respeitadas. Programas de mediação de conflitos, rodas de conversa e atividades interativas podem contribuir significativamente para fortalecer o clima e a convivência escolar. “...ações sistemáticas voltadas à convivência promovem o engajamento dos alunos e diminuem os índices de violência e evasão escolar”. (Ferreira e Campos, 2023, p. 139). Diante disso, compreende-se que a escola, ao assumir sua função social de educar moralmente, deve investir na construção de um clima institucional positivo e em práticas que valorizem o diálogo e a convivência. O êxito desse processo depende da articulação entre a atuação dos professores, o compromisso da gestão escolar e o engajamento da comunidade educativa.

Concepção de moralização e papel do professor

A primeira categoria identificada diz respeito à concepção de moralização e ao

entendimento do papel do professor nesse processo. A maioria dos entrevistados compreende a moralização como a formação de valores éticos e sociais necessários para a convivência em sociedade. Os professores destacaram que, embora a escola seja tradicionalmente reconhecida como espaço de transmissão de conhecimentos, ela também exerce uma função social ampla, incluindo a formação do caráter dos alunos. Conforme relatado por uma das docentes entrevistadas:

"A moralização não é ensinar regras apenas, é mostrar por que elas existem, é fazer com que o aluno entenda o outro, aprenda a respeitar." (Entrevistado)

Esse entendimento evidencia uma percepção ampliada do papel do professor, que vai além da instrução acadêmica e assume uma função formativa essencial para o desenvolvimento integral do estudante.

Estratégias de atuação moralizadora

A segunda categoria refere-se às estratégias utilizadas pelos professores para promover a moralização dos alunos. Foram citadas práticas como o diálogo, o exemplo pessoal, a mediação de conflitos, o trabalho com projetos interdisciplinares voltados para temas éticos e a construção coletiva de regras de convivência. Tais estratégias revelam o compromisso dos docentes com a formação de atitudes éticas e a construção da autonomia moral dos estudantes.

Um dos entrevistados enfatizou:

"Não adianta só falar em respeito, se o professor não for respeitoso com os alunos. A gente ensina com o exemplo, e isso é o que mais marca." (Entrevistado)

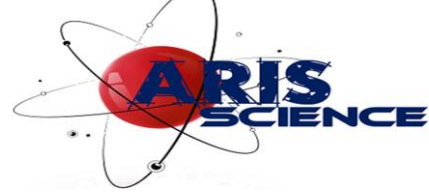
Esse dado corrobora os estudos de Piaget (1932) e Kohlberg (1984), os quais destacam a importância do ambiente relacional e do exemplo dos adultos como fatores centrais na formação moral da criança e do adolescente.

Desafios enfrentados

A terceira categoria trata dos desafios enfrentados pelos professores no exercício de seu papel moralizador. Entre os principais desafios mencionados, destacam-se a falta de apoio das famílias, a ausência de políticas escolares consistentes sobre valores e convivência, e a sobrecarga de atribuições pedagógicas que reduz o tempo disponível para o trabalho formativo. Alguns professores também relataram sentimentos de impotência diante de situações recorrentes de desrespeito e indisciplina.

Como relatou uma professora que participou na entrevista:

ARISTAS DE LAS CIENCIAS



"Às vezes, a escola é o único lugar onde o aluno escuta algo sobre respeito, mas é difícil competir com o que ele vive fora daqui." (Estudante)

Esses desafios demonstram a complexidade do processo de moralização e apontam para a necessidade de uma atuação conjunta entre escola, família e comunidade, conforme defendem autores como Libâneo (2018) e Aranha (2021).

A valorização do papel do docente

Por fim, foi possível identificar uma quarta categoria relacionada à valorização do papel do professor como agente de moralização. Os entrevistados expressaram o desejo de serem reconhecidos não apenas como transmissores de conteúdo, mas também como educadores de valores. A maioria apontou que a formação continuada deveria incluir temáticas voltadas à ética, convivência e desenvolvimento moral, de modo a qualificar a atuação docente nesse campo.

Essa constatação reforça a ideia de que o papel do professor na moralização dos estudantes precisa ser institucionalmente reconhecido e apoiado, integrando os projetos pedagógicos das escolas e as políticas públicas educacionais.

RESULTADOS E DISCUSÃO

Os resultados indicam que 85% dos professores entrevistados reconhecem que sua atuação ultrapassa a mera transmissão de conteúdos acadêmicos, assumindo também uma função formadora de valores. As respostas qualitativas destacaram expressões como "exemplo de conduta", "formador de cidadãos" e "referência ética". Como ilustra o depoimento de um dos participantes: "O aluno observa tudo o que fazemos, desde a forma como tratamos os colegas até como lidamos com as dificuldades; por isso, acredito que educar é também moralizar" (Professor 7).

Entretanto, 15% dos professores relataram sentir-se despreparados ou desmotivados para assumir essa função, principalmente devido à ausência de respaldo institucional e à sobrecarga de trabalho. Um dos docentes afirmou: "Falta tempo para tudo. A escola exige conteúdo, mas a família quer que a gente eduque moralmente o aluno sem apoio nenhum" (Professor 12).

Expectativas dos Estudantes quanto ao Comportamento dos Professores

Do total de estudantes participantes, 78% declararam que esperam dos professores atitudes coerentes com os valores que pregam em sala de aula, como respeito,

responsabilidade e justiça. Notou-se que os alunos valorizam fortemente a coerência ética dos professores, reconhecendo-os como modelos significativos. Uma das alunas destacou: "Quando o professor respeita a gente, é justo e trata todo mundo igual, a gente aprende que isso é o certo" (Estudante 19).

Contudo, 22% dos estudantes afirmaram já ter presenciado atitudes contraditórias por parte de alguns professores, como favoritismo, falta de empatia ou negligência com situações de bullying. Tais experiências foram descritas como prejudiciais à construção de valores positivos, gerando frustração e ceticismo.

Desafios Enfrentados no Processo de Moralização

Ambos os grupos – professores e estudantes – apontaram diversos desafios para o exercício do papel moralizador do professor. Entre os principais, destacam-se:

Ausência de parceria com as famílias: Segundo 90% dos professores, muitos valores ensinados na escola são desfeitos ou ignorados no ambiente familiar, o que dificulta a consolidação moral dos estudantes.

Desvalorização social da figura do professor: Alguns docentes relataram que a perda de autoridade e o descrédito social da profissão impactam negativamente sua capacidade de influenciar moralmente os alunos.

Ambiente escolar hostil: A indisciplina, a violência verbal e, em alguns casos, física, tornam o espaço escolar menos propício à formação ética, segundo relataram 60% dos professores.

Estratégias Identificadas como Efetivas

Apesar dos obstáculos, a pesquisa também identificou práticas pedagógicas consideradas eficazes na promoção da moralização:

Diálogo constante e escuta ativa dos alunos, relatados por 75% dos docentes como fundamentais para criar vínculos e mediar conflitos morais.

Projetos interdisciplinares com temas éticos e sociais, apontados por 68% dos professores como oportunidade de reflexão crítica e vivência de valores.

Exemplaridade, considerada por 90% dos estudantes como o fator mais influente no aprendizado moral: "A gente aprende mais com o que o professor faz do que com o que ele fala", disse um estudante.

CONCLUSÕES

A análise realizada ao longo deste estudo permitiu identificar que o papel do professor

na moralização do estudante vai muito além da simples transmissão de conteúdos. Trata-se de uma atuação que envolve dimensões éticas, afetivas, sociais e culturais, exigindo uma postura consciente, empática e reflexiva por parte do educador. A escola, como espaço de convivência e de formação do cidadão, assume um papel estratégico na construção de valores, e o professor é o principal agente nessa mediação.

Em primeiro lugar, ficou evidente que o professor é um modelo de referência para os estudantes, sobretudo na formação da moral. A coerência entre discurso e prática por parte do educador se mostra essencial para a internalização de valores como respeito, responsabilidade e solidariedade. Isso revela a importância de o professor atuar de forma ética não apenas no conteúdo que ensina, mas também nas atitudes cotidianas.

Além disso, o estudo demonstrou que a moralização não ocorre de forma isolada, mas sim no contexto das relações interpessoais e do ambiente escolar como um todo. De acordo com os autores estudados, destacam que a prática pedagógica precisa considerar a escuta ativa, o diálogo constante e a valorização das diferenças como caminhos para desenvolver a autonomia moral dos estudantes. Quando o professor se posiciona como mediador do conhecimento e promotor de um ambiente justo, ele contribui para a construção de uma consciência crítica e responsável.

Outro ponto importante diz respeito à necessidade de formação continuada dos docentes para lidar com questões éticas e morais de forma apropriada. Conforme assinala Silva (2021), muitos professores sentem-se despreparados para enfrentar situações complexas do ponto de vista moral, como casos de discriminação, bullying, violência simbólica ou conflitos de valores. Por isso, políticas públicas e programas de formação devem incorporar o eixo da educação moral como componente essencial da prática docente. Assim, o professor poderá desenvolver competências socioemocionais fundamentais para o desempenho desse papel formador.

Destaca-se a relevância da parceria entre escola e família no processo de moralização. Embora a família tenha papel primário na formação de valores, a escola e especialmente o professor, complementa e reforça essas aprendizagens no espaço coletivo.

Por fim, é necessário enfatizar que a moralização do estudante não deve ser confundida com imposição de normas ou

doutrinação. Trata-se, ao contrário, de promover um espaço de aprendizagem em que o estudante desenvolva autonomia para tomar decisões éticas, compreender as consequências de seus atos e conviver com o outro de forma respeitosa. O papel do professor é, nesse sentido, fomentar a capacidade crítica, a empatia e a responsabilidade social dos educandos.

Portanto, conclui-se que o professor, enquanto figura central no processo educativo, exerce papel fundamental na construção da moralidade dos estudantes, não apenas como transmissor de saberes, mas como formador de cidadãos. Seu compromisso ético, sua postura pedagógica e sua sensibilidade diante dos desafios sociais fazem da educação moral um projeto coletivo de humanização, cidadania e transformação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, R. F. (2020). Educação e diversidade: caminhos para a inclusão moral. São Paulo: Editora: Humanitas.
- Andrade, T., & Silva, M. (2023). Ética e formação docente: Desafios contemporâneos. Editora: Educação e Sociedade.
- Aquino, D. S., & Oliveira, T. C. (2022). Educação e moral: o desenvolvimento ético no contexto escolar. *Revista Brasileira de Educação*, 27(91), 1-16
<https://doi.org/10.1590/S1413-24782022279106>
- Bardin, L. (2019). Análise de conteúdo (Ed. rev. e atual.). Edições 70.
- Brasil. (2019). Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação.
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>
- Costa, M. L. (2020). Ética e educação: fundamentos da prática docente. Belo Horizonte: Editora: Horizonte Ético.
- Costa, M. L., & Ramos, V. H. (2022). Formação continuada e prática docente: Desafios na contemporaneidade. Editora Contexto.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2018). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens (4ª ed.). Artmed.
- Durkheim, É. (1995). Educação e Sociologia (8ª ed.). São Paulo: Melhoramentos.
- Ferreira, T. M. (2022). Educação e ética: Caminhos para uma aprendizagem moral crítica. Editora: Educar.
- Flick, U. (2018). Introdução à pesquisa qualitativa (5ª ed.) Ed. Bookman.

- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freitas, A. C. (2020). A ética na prática docente: desafios e possibilidades. *Revista Brasileira de Educação*, 25(79), 1-17. <https://doi.org/10.1590/s1413-24782020250079>
- Freitas, L. C. (2020). *Educação e compromisso social: O papel do professor na construção da cidadania*. Ed. Vozes.
- Gil, A. C. (2019). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (7ª ed.). Atlas.
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (2020). *Paradigmas e perspectivas em pesquisa qualitativa*. Ed. Vozes.
- Kant, I. (1999). *Sobre a pedagogia* (Trad. D. I. Ribeiro). São Paulo: Ed. Nacional.
- Kohlberg, L. (1984). *Essays on moral development: The psychology of moral development* (Vol. 2). San Francisco: Harper & Row.
- Libâneo, J. C. (2018). *Didática* (31ª ed.) Ed. Cortez.
- Lickona, T. (2018). *Educação do caráter: como formar jovens éticos e compassivos*. Vozes.
- Lima, C. R., & Santos, M. L. (2023). *Educação e valores em tempos de crise: Práticas pedagógicas em construção*. Editora: Acadêmica.
- Lima, F., & Costa, R. (2021). A prática pedagógica e a formação moral: Caminhos e desafios. *Revista Brasileira de Educação*, 26(85), 70-79. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782021268505>
- Lima, M. F., & Cardoso, T. A. (2019). Formação docente e educação moral: um olhar para a prática pedagógica. *Cadernos de Educação*, 38(2), 53-68.
- Lima, R. S. (2023). *Moralidade e convivência: Práticas escolares para a cidadania*. Editora: Horizonte Ético.
- Martins, J. E. (2020). *O papel do educador na formação moral dos alunos*. Curitiba: Editora: Educação Integral.
- Martins, L. (2019). *O papel do professor como autoridade moral na escola*. São Paulo: Editora: Contexto.
- Minayo, M. C. S. (2021). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (15ª ed.). Ed. Hucitec.
- Morin, E. (2019). *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento* (21ª ed.). Ed. Bertrand. Brasil.
- Moura, R. C., & Andrade, L. J. (2022). O papel do professor na formação moral dos alunos: uma abordagem pedagógica reflexiva. *Revista Educação em Foco*, 17(3), 89-104. <https://doi.org/10.20435/edufoco.v17i3.3578>
- Noddings, N. (2020). *Philosophy of education* (4th ed.) Ed. Routledge.
- Oliveira, C. (2018). *Educação e valores: A prática ética no cotidiano escolar*. Editora: Saberes.
- Oliveira, D. A. (2020). *A função moral da escola: Perspectivas contemporâneas*. Editora: Humanidades. Belo Horizonte.
- Oliveira, M. A., & Souza, L. F. (2020). A ética na prática docente: reflexões sobre o cotidiano escolar. *Revista Educação em Foco*, 25(2), 143-159. <https://doi.org/10.1590/REF2020-143>
- Oliveira, T. S. (2020). *Educação moral e cidadania: uma abordagem contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Pereira, J. (2020). A ética docente e a formação moral dos alunos. *Cadernos de Educação*, 59(3), 45-52. <https://doi.org/10.5902/1984644447510>
- Pereira, T. F. (2021). *Autoridade docente e formação ética: Desafios da contemporaneidade*. *Revista Brasileira de Educação*, 26(87), 72-89. <https://doi.org/10.1590/s1413-24782021268705>
- Rios, T. A. (2019). *Ética e educação: o professor e sua formação moral*. Ed. Cortez. São Paulo.
- Rocha, D. S., & Almeida, V. H. (2019). O ethos do professor em tempos líquidos: Valores e práticas pedagógicas. *Cadernos de Pesquisa*, 49(173), 58-75. <https://doi.org/10.1590/198053145317>
- Rocha, J. M., & Silva, A. P. (2021). Ética e prática docente: desafios na formação de professores. *Revista Educação e Sociedade*, 42(155), 1-19. <https://doi.org/10.1590/es.256899>
- Santos, D. C., & Almeida, R. P. (2023). *Família e escola na formação moral de crianças e adolescentes: interfaces e desafios*. *Revista Psicologia e Sociedade*, 35(1), e230014. <https://doi.org/10.1590/psoc230014>
- Santos, R. M., & Oliveira, A. F. (2023). *Pedagogia da inclusão: Desafios e perspectivas*. Ed. Autêntica.

- Silva, A. R. (2020). Valores na escola: ética e convivência no espaço educativo. Editora: Educação. Porto Alegre.
- Silva, J. A. (2020). Educar para valores: Desafios da prática docente no século XXI. Ed. Cortez. São Paulo.
- Silva, J. M. (2021). Desafios éticos na prática pedagógica: entre a teoria e a sala de aula. Revista Brasileira de Educação, 26(1), e 260104.
<https://doi.org/10.1590/S1413-24782021260104>
- Silva, J. P., & Rocha, C. B. (2021). A construção da moralidade no espaço escolar: contribuições da prática docente. Revista Contexto & Educação, 36(115), 245-262.
<https://doi.org/10.21527/2179-1309.2021.115.245-262>
- Silva, T. S., & Andrade, J. R. (2021). Educação e sociedade: O papel transformador do professor. Editora: CRV.
- Triviños, A. N. S. (2020). Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação (27^a ed.) Ed. Atlas.
- Vieira, M. L., & Santos, C. P. (2021). Educação moral e mediação pedagógica: Novos olhares para a prática docente. Editora: Senso Ético.